

Uma crucificação romana

O que exatamente o corpo de Jesus de Nazaré sofreu durante aquelas horas de tortura?

A prática da crucificação em si é uma tortura e execução por fixação a uma cruz. Sou grato a muitos que estudaram este assunto no passado, e especialmente a um colega contemporâneo, o Dr. Pierre Barbet, um cirurgião francês que realizou uma pesquisa histórica e experimental exaustiva e escreveu amplamente sobre o tema.

Aparentemente, a primeira prática conhecida de crucificação foi realizada pelos persas. Alexandre e seus generais a levaram para o mundo mediterrâneo — para o Egito e para Cartago. Os romanos, ao que parece, aprenderam a prática com os cartagineses e (como em quase tudo o que faziam) rapidamente desenvolveram um alto grau de eficiência e habilidade nela. Diversos autores romanos (Lívio, Cícero e Tácito) comentam sobre a crucificação, e várias inovações, modificações e variações são descritas na literatura antiga.

Por exemplo, a parte vertical da cruz (ou estipes) podia ter o braço transversal (ou patíbulo) fixado sessenta a noventa centímetros abaixo do topo, no que comumente conhecemos como cruz latina. A forma mais comum usada na época de nosso Senhor, no entanto, era a cruz Tau, em forma de T. Nessa cruz, o patíbulo era colocado em um entalhe no topo dos estipes. Há evidências arqueológicas de que foi nesse tipo de cruz que Jesus foi crucificado.

Sem qualquer comprovação histórica ou bíblica, os pintores medievais e renascentistas nos legaram a imagem de Cristo carregando a cruz inteira. Mas o poste vertical, ou estribo, era geralmente fixado permanentemente no solo no local da execução, e o condenado era obrigado a carregar o patíbulo, que pesava cerca de 50 quilos, da prisão até o local da execução.

Muitos pintores e a maioria dos escultores da crucificação também mostram os pregos atravessando as palmas das mãos. Relatos históricos romanos e trabalhos experimentais estabeleceram que os pregos eram cravados entre os pequenos ossos do pulso (*rádio e ulna*) e não através das palmas das mãos. Pregos cravados através das palmas das mãos se desgastariam entre os dedos ao serem submetidos ao peso do corpo humano. Essa concepção errônea pode ter surgido de uma má interpretação das palavras de Jesus a Tomé: "Observe as minhas mãos". Anatomistas, tanto modernos quanto antigos, sempre consideraram o pulso como parte da mão.

Um titulus, ou pequeno sinal, indicando o crime da vítima, era geralmente colocado em uma haste, carregado à frente da procissão desde a prisão, e posteriormente pregado na cruz, de modo que se estendesse acima da cabeça. Essa placa, com sua haste pregada no topo da cruz, teria lhe conferido, em certa medida, a forma característica da cruz latina.

Mas, é claro, a paixão física de Cristo começou no Getsêmani. Dos muitos aspectos desse sofrimento inicial, o de maior interesse fisiológico é o suor de sangue. É interessante que São...

Lucas, o médico, é o único que menciona isso. Ele diz: "E, estando em agonia, orava mais e mais tempo."

E o seu suor tornou-se como gotas de sangue, que corriam pelo chão.

Todos os artifícios imagináveis foram usados por estudiosos modernos para explicar essa descrição, aparentemente sob a falsa impressão de que isso simplesmente não acontece. Muito esforço poderia ter sido poupado se os céticos tivessem consultado a literatura médica. Embora muito raro, o fenômeno da hematidrose, ou suor com sangue, está bem documentado. Sob grande estresse emocional, como o que Nosso Senhor sofreu, pequenos capilares nas glândulas sudoríparas podem se romper, misturando sangue ao suor.

Este processo pode muito bem ter produzido fraqueza acentuada e possível choque.

Após a prisão no meio da noite, Jesus foi levado perante o Sinédrio e Caífo, o Sumo Sacerdote. Foi ali que sofreu o primeiro trauma físico. Um soldado deu um tapa no rosto de Jesus por ele ter permanecido em silêncio quando questionado por Caífo. Os guardas do palácio, então, vendaram seus olhos e, zombeteiramente, o desafiaram a identificá-los enquanto passavam, cuspiram nele e o golpearam no rosto.

De madrugada, ferido e machucado, desidratado e exausto após uma noite em claro, Jesus foi levado através do Pretório da Fortaleza Antônia, sede do governo do Procurador da Judeia, Pôncio Pilatos. Certamente você conhece a tentativa de Pilatos de transferir a responsabilidade para Herodes Antipas, o Tetrarca da Judeia. Jesus aparentemente não sofreu maus-tratos físicos nas mãos de Herodes e foi devolvido a Pilatos. Foi em resposta aos clamores da multidão que Pilatos ordenou a libertação de Barrabás e condenou Jesus à flagelação e crucificação.

Existe muita discordância entre as autoridades sobre a flagelação incomum como prelúdio à crucificação.

A maioria dos escritores romanos desse período não associa os dois eventos. Muitos estudiosos acreditam que Pilatos originalmente ordenou que Jesus fosse açoitado como punição completa e que a sentença de morte por crucificação veio apenas em resposta à provocação da multidão, que alegava que o Procurador não estava defendendo César adequadamente contra esse pretendente que supostamente se dizia Rei dos Judeus.

Os preparativos para o açoitamento eram realizados quando o prisioneiro era despido de suas roupas e suas mãos eram amarradas a um poste acima de sua cabeça. É duvidoso que os romanos tivessem tentado seguir a lei judaica nesse assunto, mas os judeus tinham uma antiga lei que proibia mais de quarenta chicotadas.

O legionário romano avança com o flagelo na mão. Trata-se de um chicote curto, composto por várias tiras grossas de couro com duas pequenas bolas de chumbo presas perto das extremidades de cada uma.

O pesado chicote é golpeado com toda a força repetidas vezes contra os ombros, as costas e as pernas de Jesus.

A princípio, as tiras de couro cortavam apenas a pele. Depois, à medida que os golpes continuavam, penetravam mais profundamente no tecido subcutâneo, provocando primeiro um sangramento superficial dos capilares e veias da pele e, por fim, um sangramento arterial intenso dos vasos sanguíneos dos músculos subjacentes.

As pequenas bolas de chumbo primeiro produzem hematomas grandes e profundos que se abrem com golpes subsequentes. Por fim, a pele das costas fica pendurada em longas tiras e toda a área se torna uma massa irreconhecível de tecido dilacerado e sangrento. Quando o centurião responsável constata que o prisioneiro está à beira da morte, a surra finalmente cessa.

Jesus, quase desmaiado, é então desamarrado e deixado cair sobre o pavimento de pedra, encharcado com o próprio sangue. Os soldados romanos veem nisso uma grande piada: um judeu provinciano se proclamando rei. Jogam-lhe uma túnica sobre os ombros e colocam um pedaço de pau em sua mão, como cetro. Ainda lhes faltava uma coroa para completar a farsa. Galhos flexíveis cobertos de longos espinhos (comumente usados em feixes de lenha) são trançados em forma de coroa, que é pressionada contra seu couro cabeludo. Novamente, há um sangramento abundante, já que o couro cabeludo é uma das áreas mais vascularizadas do corpo.

Depois de zombarem dele e golpeá-lo no rosto, os soldados tiram o bastão de sua mão e o golpeiam na cabeça, cravando os espinhos ainda mais fundo em seu couro cabeludo. Finalmente, cansam-se de sua brincadeira sádica e rasgam a túnica de suas costas. Já aderida aos coágulos de sangue e soro nas feridas, sua remoção causa uma dor excruciante, como se removesse descuidadamente uma bandagem cirúrgica, e quase como se ele estivesse sendo açoitado novamente, as feridas voltam a sangrar.

Em deferência ao costume judaico, os romanos devolvem-lhe as vestes. O pesado patíbulo da cruz é amarrado sobre os seus ombros, e a procissão do Cristo condenado, dois ladrões e o pelotão de soldados romanos liderado por um centurião inicia sua lenta jornada pela Via Dolorosa. Apesar de seus esforços para andar ereto, o peso da pesada viga de madeira, somado ao choque causado pela grande perda de sangue, é insuportável. Ele tropeça e cai. A madeira áspera da viga penetra na pele e nos músculos lacerados dos ombros. Ele tenta se levantar, mas os músculos humanos foram levados ao limite.

O centurião, ansioso para prosseguir com a crucificação, escolhe um observador norte-africano corajoso, Simão de Cirene, para carregar a cruz. Jesus o segue, ainda sangrando e suando o suor frio e pegajoso do choque, até que a jornada de 650 jardas da fortaleza Antônia até o Gólgota seja finalmente concluída.

Oferecem a Jesus vinho misturado com mirra, uma mistura levemente analgésica. Ele recusa beber. Ordena-se a Simão que coloque o patíbulo no chão e Jesus é rapidamente jogado para trás, com os ombros contra a madeira. O legionário apalpa a depressão na frente do pulso. Ele crava um prego pesado, quadrado e de ferro forjado através do pulso e profundamente na madeira. Rapidamente, ele se move para o outro lado e repete a ação, tomando cuidado para não puxar os braços com muita força, mas permitindo alguma flexão e movimento. O patíbulo é então erguido no topo das hastes e o título com a inscrição "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus" é pregado no lugar.

O pé esquerdo é agora pressionado para trás contra o pé direito, e com ambos os pés estendidos, dedos apontando para baixo, um prego é cravado no arco de cada um, deixando os joelhos moderadamente flexionados. A vítima está agora crucificada. À medida que se deixa cair lentamente, com mais peso sobre os pregos nos pulsos, uma dor excruciante percorre os dedos e sobe pelos braços, explodindo no cérebro — os pregos nos pulsos estão pressionando os nervos medianos. Ao se impulsionar para cima para evitar esse tormento de alongamento, ele coloca todo o seu peso sobre o prego que atravessa seus pés. Novamente, sente a agonia lancinante do prego rasgando os nervos entre os ossos metatarsais dos pés.

Nesse ponto, à medida que os braços se fatigam, fortes ondas de câibras percorrem os músculos, causando uma dor profunda, implacável e latejante. Com essas câibras, vem a incapacidade de se impulsionar para cima.

Pendurado pelos braços, seus músculos peitorais estão paralisados e os músculos intercostais são incapazes de funcionar.

O ar pode ser inspirado, mas não expirado. Jesus luta para se erguer a fim de conseguir ao menos uma breve respiração.

Finalmente, o dióxido de carbono se acumula nos pulmões e na corrente sanguínea, e as câibras diminuem parcialmente.

Espasmo por instantes, ele consegue se impulsionar para cima para expirar e inspirar o oxigênio vital. Foi sem dúvida durante esses períodos que ele proferiu as sete breves frases registradas:

A primeira: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

A segunda, dirigida ao ladrão arrependido, foi: "Hoje estarás comigo no Paraíso".

O terceiro, olhando para o jovem João, aterrorizado e tomado pela dor — o amado Apóstolo —, disse: "Eis aí tua mãe". Depois, olhando para sua mãe Maria, disse: "Mulher, eis aí teu filho".

O quarto clamor é do início do Salmo 22: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

Horas de dor insuportável, ciclos de contorções, câibras dilacerantes, asfixia parcial intermitente, dor lancinante onde o tecido é arrancado de suas costas laceradas. Ele se move para cima e para baixo contra a madeira áspera, suportando horas de dor insuportável, ciclos de contorções, câibras dilacerantes, asfixia parcial intermitente.

Em seguida, começa outra agonia: uma dor terrível e opressiva no fundo do peito, à medida que o pericárdio se enche lentamente de soro e começa a comprimir o coração.

Lembramos novamente o Salmo 22, versículo 14: "Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera; derreteu-se no meio das minhas entranhas."

Está quase no fim. A perda de fluidos teciduais atingiu um nível crítico; o coração comprimido luta para bombear sangue pesado, espesso e lento para os tecidos; os pulmões torturados fazem um esforço frenético para inspirar pequenas quantidades de ar. Os tecidos acentuadamente desidratados enviam uma enxurrada de estímulos para o cérebro.

Jesus solta seu quinto grito: "Tenho sede".

Lembramos outro versículo do profético Salmo 22: "A minha força secou como um caco de barro, a minha língua se pegou ao meu paladar e me lançaste no pó da morte."

Uma esponja embebida em posca, o vinho barato e azedo que era a bebida básica dos legionários romanos, é levada aos Seus lábios. Ele aparentemente não bebe nada do líquido. O corpo de Jesus está agora em extremos, e Ele pode sentir o frio da morte percorrendo Seus tecidos. Essa constatação o leva a proferir Suas sextas palavras: "Está consumado".

Sua missão de expiação está agora completa. Finalmente, Ele escolhe morrer. Com um último esforço, Ele pressiona novamente Seus pés dilacerados contra o prego, endireita as pernas, respira fundo e profere Seu sétimo e último grito: "Pai! Em Tuas mãos entrego o meu espírito."

O resto vocês já sabem. Para que o sábado não fosse profanado, os judeus pediram que os condenados fossem despachados e retirados das cruzes. O método comum para terminar uma crucificação era a crurfractura, a quebra dos ossos das pernas. Isso impedia a vítima de se impulsionar para cima; assim, a tensão não podia ser aliviada dos músculos do peito e ocorria uma rápida asfixia. As pernas dos dois ladrões foram quebradas, mas quando os soldados chegaram a Jesus, viram que isso era desnecessário.

Aparentemente, para garantir a morte em dobro, o legionário cravou sua lança no quinto espaço entre as costelas, subindo pelo pericárdio e atingindo o coração. O versículo 34 do capítulo 19 do Evangelho segundo São João relata: "E imediatamente saiu sangue e água". Ou seja, houve um extravasamento de líquido aquoso do saco que envolve o coração, causando a morte.

As evidências post-mortem indicam que Nosso Senhor não morreu da forma usual de crucificação por asfixia, mas sim de insuficiência cardíaca (coração partido) devido a choque e constrição do coração por líquido no pericárdio.

Assim, tivemos um vislumbre — incluindo as evidências médicas — do ápice do mal que o homem demonstrou contra si mesmo e contra Deus. Foi uma visão terrível, mais do que suficiente para nos deixar desanimados e deprimidos. Quão gratos podemos ser por termos a grande consequência na infinita misericórdia de Deus para com o homem. Adaptado de – “Um Médico Testemunha Sobre a Crucificação”, Dr. C.

Truman Davis, konnections.com/Kcundick/crucifix.html”

Davi profetizou isso desta forma: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Por que estás tão longe de me socorrer e de ouvir o meu clamor? ... Mas eu sou um verme, e não um homem, desprezado pelos homens e rejeitado pelo povo. Todos os que me veem zombam de mim; lançam insultos e meneiam a cabeça: ‘Ele confia no Senhor; que o Senhor o livre! Que o livra, pois nele se agrada.’”

Derramei-me como água, e todos os meus ossos estão desconjuntados. Meu coração tornou-se como cera; derreteu-se dentro de mim. Minha força secou como um caco de barro, e minha língua gruda no céu da boca; tu me lanças no pó da morte. Cães me cercaram; uma multidão de homens maus me rodeou, traspassaram minhas mãos e meus pés. Posso contar todos os meus ossos; as pessoas me olham e zombam de mim. Repartem entre si as minhas vestes e lançam sortes sobre a minha túnica.

Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao SENHOR, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois o domínio pertence ao SENHOR, e ele governa sobre as nações. Todos os ricos da terra se banquetearão e o adorarão; todos os que descem ao pó se ajoelharão diante dele — aqueles que não podem preservar a própria vida. A posteridade o servirá; às gerações futuras será anunciado o Senhor. Anunciarão a sua justiça a um povo ainda por nascer, pois ele a praticou. (Salmo 22:1-8; 14-18; 27-31)